

Resenha de

Gilmaísa Costa, *Serviço social em debate - ser social, trabalho e ideologia*, 2011

Serviço social em debate - ser social, trabalho e ideologia é um texto que, injustamente, foi pouco considerado nos debates atuais acerca da relação do Serviço Social com a categoria trabalho.

Entre os assistentes sociais, firmou-se a convicção de que a melhor estratégia para a profissão enfrentar os "novos tempos" seria defini-la como trabalho. Os "novos tempos" eram caracterizados, corretamente, como a articulação entre um longo período histórico marcado pela ausência de movimentos de massas revolucionários (isto é, aqueles capazes de colocar em causa a estabilidade da reprodução do capital em escala planetária) e por uma ofensiva do capital sobre o trabalho marcado pelo neoliberalismo, na esfera do Estado, e pela "reestruturação produtiva", para sermos breves, na base da produção. Equivocadamente, contudo, avaliava-se que o impacto das estratégias neoliberais e das "novas tecnologias" alterariam de modo profundo, essencial, o mercado de trabalho dos assistentes sociais. Para dar conta do conjunto destes desafios seria urgente considerarmos o Serviço Social como trabalho. Alegava-se que, com isto, poderíamos avançar na consideração das especificidades da prática profissional dos assistentes sociais e, também que, ao identificar o assistente social ao trabalhador, salientaríamos a sua identidade de classe e, por esta via, seu compromisso ideológico com a emancipação humana.

Três grandes conjuntos de problemas resultam desta estratégia de identificar o Serviço Social ao trabalho. O primeiro emerge ao se identificar a prática do assistente social ao trabalho e, este, não mais como trabalho assalariado mas como trabalho que transforma a natureza nos meios de produção e de subsistência (aquele que gera um produto que subsiste ao próprio processo de trabalho, emprega meios de produção, transforma matérias-primas, etc. Tal identificação, impede a precisa delimitação da especificidade profissional. Para não nos alongarmos, porque deve impor a uma atividade que é "puramente social", isto é, que é uma atividade exclusiva entre os seres humanos, categorias e conexões ontológicas que são típicas do trabalho que converte a natureza em meios de produção e de subsistência. Não é possível compreender a especificidade da profissão dos assistentes sociais a partir de categorias como produto final, meios de produção, matéria prima, etc., que são peculiares e exclusivas ao intercâmbio material com a natureza.

O segundo grande conjunto de problemas advém de que a generalização do trabalho que funda o ser social para além do intercâmbio material com a natureza – na maior parte das vezes, identificando-se todo e qualquer pôr teleológico ao trabalho que funda o mundo dos homens – impede a crítica revolucionária da exploração do homem pelo homem na sociedade burguesa. Nesta, a riqueza produzida no intercâmbio material com a natureza, ao ser convertida em mercadoria e distribuída, como se deve, entre a mais-valia e os salários, termina por generalizar por todo o corpo social (ainda que muito desigualmente), sob a forma dinheiro, a riqueza produzida pelo trabalho proletário. Como parte da acumulação do capital pode se dar pela concentração desta riqueza generalizada, já existente, sem a produção de um novo "conteúdo material da riqueza social" (Marx), é muito forte a ilusão que brota da vida cotidiana de que todos os assalariados são igualmente "trabalhadores". Ou seja, que todos os assalariados pelo capital cumprem a mesma função na reprodução da sociedade burguesa e, por isso, pertenceriam todos à uma única e mesma classe social. Esta a aparência que conferiu tanta credibilidade, há um tempo, às teses que identificam o assistente social a todo e qualquer assalariado.

Marx já demonstrou a falsidade desta aparência: o trabalho, intercâmbio material com a natureza, é a origem de toda a riqueza social em todo e qualquer modo de produção. Em se tratando da sociedade burguesa, é o proletariado a classe que, entre os assalariados, cumpre esta função fundante. Todos os outros assalariados cumprem funções sociais distintas e se diferem, enquanto classe, do proletariado pelos distintos locais que ocupam na reprodução social. Perdida a especificidade ontológica do trabalho, confundido trabalho e trabalho abstrato, perde-se, *in limine*, a possibilidade de se compreender a reprodução da sociedade contemporânea e de fazer uma crítica revolucionária à mesma.

O terceiro grande conjunto de problemas é que, ao se generalizar o trabalho para além do intercâmbio material com a natureza, perde qualquer sentido falar-se em trabalho como categoria fundante da sociabilidade. Uma categoria fundante é aquela que funda a essência, no caso, do mundo dos homens. Desta essência decorrem todos os outros complexos sociais; dela derivam todos os inúmeros processos mediadores desde o desenvolvimento da essência (a continuidade histórica do ser social) até a entificação fenomênica mais efêmera. Se todas as atividades humanas, por serem objetivações de teleologias, são igualmente trabalho, a totalidade do mundo dos homens passa a ser trabalho. Sociabilidade e trabalho seriam identificados, seriam sinônimos – algo cuja implausibilidade não necessita de maiores argumentos. Por esta via cancela-se a tese

marxiana do trabalho como categoria fundante e, com isto, a proposta da revolução proletária do pensador alemão é revogada em seus fundamentos mais importantes.

Todos três enormes conjuntos de problemas se concentram, de modo candente, na consideração das classes sociais. Se todas as atividades teleológicas são igualmente trabalho, daqui decorre que só pode existir uma única e exclusiva classe social: a dos trabalhadores. Pois, sendo humanos, os indivíduos das classes dominantes também objetivam teleologias. Depois de Marx, Lukács e Mészáros, sabemos que as objetivações peculiares à burguesia se distinguem das objetivações peculiares ao trabalho porque não produzem sequer um átomo da "riqueza material da riqueza social"; antes, são objetivações que cumprem a função social de expropriar do proletariado esta mesma riqueza e convertê-la em capital.

Serviço social em debate - ser social, trabalho e ideologia, de Gilmaisa Costa, foi o primeiro texto a abordar a maior parte destas questões. Nunca, antes, qualquer texto havia colocado em questão a identidade entre Serviço Social e trabalho. Este é um mérito que lhe cabe: sua originalidade e seu ineditismo abriram um veio que foi explorado por vários textos na sequência.

Mas, talvez o mais importante deste texto não seja o fato de ter sido pioneiro. Para se contrapor à tese de que o Serviço Social seria trabalho, Gilmaisa Costa aprofundou-se em uma longa e fecunda investigação da *Ontologia* de Lukács. O resultado é o segundo estudo sistemático que temos notícia acerca da categoria da ideologia no manuscrito deixado pelo filósofo húngaro¹. E o estudo é dos mais interessantes: do trabalho persegue os nexos ontológicos que conduzem à ideologia e delinea com precisão a função universal da ideologia (que Lukács denomina de "ideologia no sentido amplo") e a função específica de alguns complexos ideológicos – portanto, não de toda a ideologia – nas sociedades de classe. As ideologias de classe, que interferem diretamente nas lutas de sociais, Lukács denominou de "ideologias restritas".

Deste solo fecundo e rigoroso, Gilmaisa Costa avançou na sua caracterização do Serviço Social como um complexo que atua na fronteira entre os complexos ideológicos restritos e a ideologia em seu sentido amplo: por vezes joga um papel direto nas lutas de

¹ O primeiro foi o já conhecido texto de Ester Vaisman, "O problema da ideologia na Ontologia de G. Lukács", mestrado UFPB, 1986.

classe, outras vezes interfera na concepção de mundo da sociedade contemporânea. Se o Serviço Social não é trabalho, o que então seria ele? Gilmaisa Costa delinea a única resposta até hoje oferecida a esta questão a partir da função social que exerce na reprodução do capital: é um complexo social partícipe do complexo da ideologia e que transita entre as suas funções "ampla" e "restrita".

Por tudo isto, *Serviço social em debate - ser social, trabalho e ideologia* continua pioneiro, original, rigoroso e, por tudo isso, imprescindível para compreendermos o lugar que os assistentes sociais podem ocupar nas lutas de classe ao lado dos trabalhadores.

Maceió, junho de 2011

Sergio Lessa